DOI: https://doi.org/10.5007/1807-0221.2026.e108010

Extensio UFSC Revista Eletrônica de Extensão

"O CIRCO DE TODAS AS MÁGICAS": UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM UMA COMUNIDADE DE PESCADORES

Thelma Maria Grisi Velôso
Universidade Estadual da Paraíba
tgrisiveloso@gmail.com

Laylla Cristiane de Moura Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba
layllacmoura@gmail.com

Camila Deodonio de Queiros
Universidade Estadual da Paraíba
psicologacamiladeodonio@gmail.com

Mariany Bezerra Neves
Universidade Estadual da Paraíba
marianyneves18@gmail.com

Resumo
Este artigo pretende contribuir com algumas reflexões sobre o uso das linguagens artísticas em intervenções extensionistas, a partir do relato de uma experiência de extensão universitária em que foi produzido um evento com um grupo de crianças e adolescentes de uma comunidade de pescadores do litoral norte paraibano. Das oficinas realizadas com esse grupo, que objetivaram estimular o gosto pela leitura e o protagonismo social, participaram crianças e adolescentes dos gêneros masculino e feminino, com idades entre três e quatorze anos, que foram divididos em três subgrupos de acordo com a faixa etária. Além das linguagens artísticas, foram utilizadas a metodologia participativa da educação popular, as estratégias técnicas de leitura e as sociais. Buscou-se estimular a criticidade, a participação coletiva e a criatividade dos participantes e contribuir para posturas mais solidárias e éticas, assim como para a formação dos extensionistas. O evento, em que foram apresentados números circenses, de dança e de teatro, sinaliza a relevância do trabalho em grupo e da arte como recursos metodológicos para uma prática psicossocial extensionista.
Palavras-chave: Psicologia Social Comunitária. Arte. Intervenção Psicossocial.

"THE CIRCUS OF ALL MAGIC": A UNIVERSITY EXTENSION EXPERIENCE AT A FISHERMEN'S COMMUNITY

Abstract
This article aims at contributing with some reflections on the use of artistic languages in extension interventions, according to the report of a university extension experience in which an event was produced with a group of children and adolescents living in a fishermen's community on the North coast of Paraíba State. The workshops held with this group aimed at stimulating their reading habits and their social leadership. Children and adolescents of both genders, ages ranging from three to fourteen years old were divided into three subgroups, according to their ages. Alongside the artistic languages, participative methodology of popular education, social and technical reading strategies were used. The aim was to foster critical thinking, collective participation, and creativity among the participants, and to contribute to more ethical and solidarity-oriented attitudes, as well as to the development of the extension workers. The event also included some circus, dance and theatrical activities and emphasized the relevance of group work and of art as methodological resources aimed at a psychosocial extension practice.
Keywords: Social Community Psychology. Art. Psychosocial Intervention.

"EL CIRCO DE TODA LA MAGIA": UNA EXPERIENCIA DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN UNA COMUNIDAD DE PESCADORES

Resumen
Este artículo pretende contribuir con algunas reflexiones respecto al uso de los lenguajes artísticos en intervenciones de extensión, a partir del relato de una experiencia de extensión universitaria en la que se produjo un evento con un grupo de niños y adolescentes de una comunidad de pescadores del litoral norte de Paraíba. De las oficinas realizadas con dicho grupo, que objetivaron estimular el gusto por la lectura y el protagonismo social, participaron niños y adolescentes de los géneros masculino y femenino, con edades entre tres y catorce años, que fueron divididos en tres subgrupos, de acuerdo con la faja de edad. Además de los lenguajes artísticos, fueron utilizadas la metodología participativa de la educación popular, las estrategias técnicas de lectura y las sociales. Se buscó estimular el espíritu crítico, la participación colectiva y la creatividad de los participantes, y contribuir a adoptar posturas más solidarias y éticas, así como a la formación de los extensionistas. El evento en el que fueron presentados números de circenses, de danza y de teatro, señala la relevancia del trabajo en equipo y del arte como recursos metodológicos para una práctica psicosocial de extensión.
Palavras clave: Psicología Social Comunitaria. Arte. Intervención Psicosocial.

Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão universitária, foco deste artigo, foi realizado na Comunidade de Barra do Mamanguape (Rio Tinto/Paraíba) e se efetivou por meio de uma parceria entre a Universidade e o Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade (ICMBio/Ministério do Meio Ambiente). O referido projeto teve como objetivo geral fomentar e incrementar a autonomia popular e o desenvolvimento de formas de articular e de organizar a comunidade para resolver os problemas cotidianos. Fundamentadas na Psicologia Social Comunitária, utilizamos as linguagens artísticas como recurso para realizar a intervenção. No decorrer do trabalho, que durou seis anos, foram formados vários grupos na comunidade. Neste artigo, relatamos a experiência com um grupo de crianças e um de adolescentes – mais especificamente, as oficinas com as atividades que culminaram na realização de um evento protagonizado por eles.

No âmbito da Psicologia Social Comunitária há uma pluralidade de práticas; no entanto, em muitas delas, com matizes epistemológicas diferentes, o objetivo "tem sido o de educar e o de politizar" (FREITAS, 2008, p. 107). Nessa perspectiva, a atuação tem se caracterizado pelo compromisso social com os setores mais desfavorecidos, com o fim de fortalecer os "processos de conscientização e participação nas relações cotidianas", considerando o "processo de construção histórico-social" na produção das subjetividades. Considera-se, ainda, as "necessidades da população" e constrói-se a intervenção de forma "compartilhada", visto que se valoriza o trabalho em grupo. A continuidade do trabalho depende de "avaliações constantes", feitas juntamente com os grupos envolvidos. Utiliza-se o referencial teórico-metodológico da Psicologia Social crítica e realiza-se o trabalho em equipe, priorizando interlocuções interdisciplinares. Isso exige um conhecimento ampliado, um diálogo com outras áreas, como a Educação Popular, a pesquisa participante e a saúde comunitária. Trata-se de uma área de pesquisa e de intervenção (FREITAS, 2014, p.74).

Ao ressaltar os valores coletivos, a intervenção psicossocial propõe a produção de conhecimentos que contribuam para uma vida mais digna e para uma mudança da realidade social (FREITAS, 2015a; PINTO; PAIVA, 2020). Essa transformação está diretamente vinculada à participação coletiva dos sujeitos. A orientação intrinsecamente política dessa proposta é responsável, desde sua origem, pela ênfase dada à dimensão ética na formação do psicólogo comunitário. "A psicologia social comunitária prioriza a qualidade de vida de indivíduos, o desenvolvimento das relações comunitárias e a construção de políticas sociais comprometidas com os direitos humanos." (AZEVÊDO; PARDO, 2014, p. 201). Os autores advertem que, nessa perspectiva, o psicólogo é um "facilitador das práticas sociais".

Pensar nas estratégias de intervenção psicossocial nos conduz, na atualidade, a uma variedade de recursos empregados em trabalhos comunitários, dentre os quais, os artísticos. As linguagens artísticas têm se apresentado como um recurso potente nas práticas psicossociais e contribuem para a invenção de novas formas de existência, como pontuam Lacaz, Lima e Heckert (2015).

Por meio de uma aliança com a arte, numa perspectiva crítica, orientamos nosso fazer junto com as crianças e os adolescentes da comunidade. Partindo da ideia de que promover práticas de formação e de atuação articuladas com a extensão universitária é muito importante para a produção de processos psicossociais e socioeducativos que resultem em parcerias entre os saberes acadêmicos e populares, a prática de extensão que desenvolvemos em Barra do Mamanguape objetivou construir novos saberes para que se tornassem instrumentos de mudança social e possibilitassem o cumprimento da função social da universidade, como defendem Azevedo e Cordeiro (2024). Como já referido, neste artigo, apresentamos um recorte dessa experiência, relatando as oficinas que culminaram em um evento na comunidade, em que foram apresentados uma coreografia, vários números circenses e uma peça de teatro. Partindo do relato das oficinas realizadas e das observações feitas durante o período de preparação e apresentação do evento, refletiremos sobre os desdobramentos dessa experiência com a arte na vida das crianças e dos adolescentes que protagonizaram esse processo, como também na comunidade e na própria equipe de extensionistas.

A MONTAGEM E A APRESENTAÇÃO DE UM ESPETÁCULO

A Comunidade Barra do Mamanguape faz parte da Unidade de Conservação de Uso Sustentável, denominada de Área de Proteção Ambiental (APA) da Barra do Rio Mamanguape. Situa-se no litoral norte paraibano, no município de Rio Tinto, e sua população, segundo as informações orais obtidas na Colônia de Pescadores Z13 Antônio de Brito, é de, aproximadamente, 80 famílias de pescadores e de marisqueiras que perfazem cerca de 400 habitantes.

Em Barra do Mamanguape, essa experiência de extensão iniciou-se com visitas e conversas informais na praia, nas caiçaras, nas ruas e nas casas da comunidade. A proposta foi pensar, junto com os moradores, sobre os problemas cotidianos, a fim de que refletíssemos sobre eles, com a intenção de criar alternativas para modificá-los e solucioná-los. Nesse processo, fizemos visitas, conversas informais, reuniões e oficinas. Durante os seis anos de trabalho, participaram da equipe técnica vários estudantes do Curso de Psicologia.

Devido ao interesse da comunidade e da disponibilidade da equipe, formamos grupos de mulheres, de teatro, de exibição de filmes, de crianças e de adolescentes. Os grupos de crianças e de adolescentes, do qual nos ocuparemos neste artigo, tinham o objetivo de incrementar, com oficinas

psicopedagógicas, o processo de ensino-aprendizagem e de estimular o gosto pela leitura e a capacidade de interpretar textos e de refletir criticamente sobre a realidade. As oficinas proporcionavam momentos de discussão sobre a realidade cotidiana e estimulavam as crianças e os adolescentes a exercitarem a autonomia, o senso crítico, a imaginação, a participação e a criatividade. Os participantes eram do gênero masculino e do feminino, com idades entre três e quatorze anos, e divididos em três subgrupos, de acordo com a faixa etária. Os temas das oficinas eram escolhidos por eles em uma oficina planejada com esse fim.

As atividades eram desenvolvidas usando-se a metodologia participativa da educação popular e várias linguagens artísticas, como, por exemplo, as técnicas, os exercícios e os jogos do método do Teatro do Oprimido. Essa proposta de teatro, criada pelo teatrólogo Augusto Boal, estimula a participação e a reflexão de maneira ativa. A proposta de utilizar várias técnicas de teatro e uma série de jogos e exercícios objetiva "desmecanizar" o corpo, pois, como afirma o referido autor, o nosso corpo é "mecanizado" devido às imposições adaptativas da realidade em que vivemos. Além disso, esse método visa a proporcionar mais conhecimentos e estimular os valores éticos (BOAL, 2015).

Também empregávamos estratégias técnicas de leitura, como: a) a contação – perguntávamos quem queria ler um texto e contar para o grupo o que leu. Os que se dispusessem a fazê-lo recebiam, com antecedência, o texto e se responsabilizavam por contar o que leram para os demais na oficina. Depois que o voluntário contava a história, fazíamos algumas perguntas sobre o texto relativas aos aspectos cognitivos e aos afetivos (MARQUES, 2011); b) a antecipação – os extensionistas faziam uma leitura dramatizada de textos infantis e suprimiam o final, o início ou o meio da história. Em seguida, solicitavam ao grupo que a complementasse. Algumas vezes, essa complementação era feita usando-se recursos artísticos como dramatização, desenho, modelagem, entre outros. No final, socializávamos com o grupo toda a parte do texto que fora suprimida e o que eles criaram (MARQUES, 2011); c) a leitura dramatizada de textos infantis e infanto-juvenis – um fazer teatral menos complexo, pois não se utiliza todos os elementos da encenação teatral comum. Dramatizar um texto consiste em aproximar o ouvinte do leitor por meio de elementos cênicos (ALMEIDA; GONÇALVES, 2011). Um dos extensionistas lia uma história para o grupo, visando provocar uma interação com o texto e uma reflexão. No final, fazia algumas perguntas sobre o texto lido, priorizando os aspectos cognitivos e os afetivos. Utilizávamos, ainda, estratégias sociais de leitura, os eventos – que podem ser uma feira literária, uma palestra, um recital, um jogral, um concurso ou uma *performance* (MARQUES, 2011). Dentre as possibilidades apresentadas, utilizávamos as *performances*.

Ressalte-se que as oficinas eram organizadas orientando-se pelas seguintes etapas complementares e sequenciais (ALLESSANDRINI, 1996): de **sensibilização** – os participantes eram estimulados a se preparar para refletir sobre o tema do dia. Essa etapa podia ser realizada com

exercícios corporais ou de imaginação e/ou leitura de textos literários; de **expressão livre** – o tema da oficina era expresso de maneira artística e não verbal; de **transposição da linguagem verbal para a não verbal** – refletia-se e se discutia sobre o que foi produzido na etapa anterior; e a etapa de **avaliação**, dedicada a avaliar a experiência vivida durante a oficina.

Oficinas realizadas para montar o espetáculo

O que relatamos a seguir é o resumo de um processo em que a equipe de extensionistas, sem perder de vista os objetivos da intervenção psicossocial, junto com as crianças e os adolescentes, foi construindo a proposta de apresentação de um evento na comunidade. Cabe registrar que já havíamos feito com esse grupo dois eventos (*performances*), visto que faziam parte das estratégias metodológicas, como explicitado anteriormente. O evento que descreveremos a seguir não teve um nome e foi dividido em três momentos, como veremos mais adiante.

De acordo com a metodologia proposta, o grupo foi dividido em três subgrupos: o subgrupo I, formado de crianças com três a seis anos de idade; o II, de crianças com sete a dez anos, e o III, formado de adolescentes com idades de 11 a 14 anos. As oficinas duraram, em média, de 2h30m a 3h e contaram com cerca de 19 a 27 participantes. Foram vinte e quatro oficinas para produzir o evento, além de alguns ensaios gerais (com a presença dos três subgrupos).

Do **subgrupo I,** participaram, em média, 11 crianças. Decidimos, juntamente com elas, montar uma coreografia com o tema 'indígenas' para apresentar no dia do evento. Na área onde se localiza a comunidade, existem seis aldeias indígenas e, na própria comunidade, há várias pessoas descendentes de 'indígenas' ou que são 'indígenas', embora Barra do Mamanguape não seja considerada uma aldeia.

Todas as oficinas foram planejadas incluindo as etapas em que os extensionistas faziam a leitura dramatizada de algum livro infantil (seguida de reflexões sobre a história contada) e exercícios de Teatro do Oprimido, utilizados para estimular, descontrair e integrar as crianças de acordo com as necessidades da oficina do dia.

No que diz respeito à montagem da coreografia, na primeira oficina realizada para esse fim, utilizamos imagens em quadrinhos já ilustradas, para que os participantes criassem uma história sobre os 'indígenas'. Em outra oficina, entregamos-lhes papel em branco, em formato de penas, para que confeccionassem cocares, uma parte do figurino, e iniciássemos a montar a coreografia. Depois de algumas discussões, foi escolhida a música 'Indiozinhos: um, dois, três indiozinhos' (Cantiga de Roda, Cantiga Popular) para a coreografia. Em outras oficinas, foram confeccionados com material reciclável tambores e chocalhos, pois algumas crianças ficariam na percussão. Elas receberam também folhas A4 e lápis de cor para desenhar um indígena com o figurino que achavam que deveria ser usado na apresentação. Utilizamos alguns materiais e, junto com as crianças, em outra oficina, produzimos os

figurinos, e as crianças escolheram um nome para a tribo que encenariam no evento. Os nomes sugeridos foram: 'Tribo da água', 'Tribo da terra' e 'Tribo da Barra'. Por fim, o nome adotado foi 'Tribo da terra'. No processo de montagem da coreografia, as crianças foram estimuladas a opinar e a refletir em conjunto sobre as escolhas feitas. Optamos por iniciar a coreografia com a música *Ñande Reko Arandu* (Memória Viva Guarani). Depois que a coreografia foi concluída, começaram os ensaios.

Participaram do **subgrupo II**, em média, nove crianças. Nas oficinas, os extensionistas também liam histórias infantis (em algumas oficinas, utilizaram a estratégia da antecipação), que eram refletidas pelo grupo, e se faziam exercícios de Teatro do Oprimido. Na primeira oficina desse período, discutimos sobre o tema arte/circo, proposto pelas crianças em uma oficina anterior, e sobre a possibilidade de números circenses fazerem parte do evento naquele ano. Durante a discussão, as crianças mencionaram os seguintes personagens: malabaristas, mágicos, dançarinos e palhaços. Decidiu-se, então, que esses seriam os números que elas apresentariam no evento. Em outra oficina, iniciamos a confecção de alguns objetos com material reciclável para serem utilizados no espetáculo. Produzimos, juntamente com as crianças, as "chaves" usadas pelos malabaristas, os pés de latas e objetos para truques de mágica. Em seguida, elas foram escolhendo os objetos de sua preferência e testando.

Em outras oficinas, conversamos com as crianças sobre o espetáculo e decidimos, junto com elas, quem faria o quê. Propusemos-lhes que desenhassem os figurinos dos personagens que fariam parte do espetáculo (o mágico, o palhaço, o pé de lata, o malabarista e a dançarina). No final, analisamos alguns elementos comuns nos desenhos para confeccionar os figurinos. Isso feito, iniciamos uma discussão sobre o figurino que seria usado no espetáculo e definimos a ordem da apresentação e a escolha do nome do circo, que foi chamado de 'Circo das crianças: o circo de todas as mágicas e todas as latas'. De acordo com a proposta que fizeram, as crianças pintaram em uma faixa, que seria utilizada na abertura do espetáculo, o nome 'Circo das crianças'. Montaram, junto com os extensionistas, a coreografia do número de dança, que foi protagonizado pelas bailarinas ao som da música 'Piruetas' (de Chico Buarque) e participaram da confecção do figurino. Houve ensaios em separado de cada número circense: mágico, palhaços etc., como também ensaios gerais.

O **subgrupo III** foi formado de sete adolescentes. Além dos exercícios de Teatro do Oprimido, recorremos às estratégias de leitura, sobretudo à contação. As oficinas começavam com um ou dois adolescentes contando uma história que haviam lido. Repassávamos o livro com antecedência, como já dito. O tema que eles escolheram para a primeira oficina do período em análise foi 'Meio ambiente'. Começamos falando sobre o tema selecionado e discutimos sobre o que seria apresentado no evento daquele ano. Decidimos, junto com eles, que 'Meio ambiente' também seria o tema norteador da apresentação no evento e discutimos sobre a ideia de formular uma história para ser encenada pelo grupo. Então, lemos o começo de uma história sobre meio ambiente – "Aventura na Floresta" retirada

do site do Ministério Público Federal (MPF), Turminha do MPF – e suprimimos o final (estratégia de antecipação). Dividimos o subgrupo em dois, para que cada um criasse o final da história. Concluído esse momento, leram o que escreveram e definiram como ficaria o texto. Iniciamos o debate para decidir a sequência das cenas e fizemos o primeiro ensaio. Uma das extensionistas narrou o texto, e eles interpretaram. Em outra oficina, decidiram que não haveria narrador, e uma das adolescentes se comprometeu a copiar o texto para que pudessem memorizá-lo e ensaiar em horários alternativos que não os das oficinas. No entanto, a peça foi encenada com um narrador (uma extensionista), como proposto inicialmente.

Em outras oficinas, os adolescentes, após várias sugestões, escolheram o título da peça – 'Uma aventura na floresta' – definiram o figurino, optaram por roupas do dia a dia e confeccionaram elementos do cenário. Uma etapa dessas oficinas foi dedicada aos ensaios, que eram sempre precedidos de exercícios de Teatro do Oprimido.

Próximo à data do evento, fizemos os ensaios gerais, com a presença dos participantes dos três subgrupos, em horários e dias alternativos. Os ensaios aconteciam em espaços separados e, depois, um subgrupo assistia à apresentação do outro. No dia que antecedeu a apresentação e no dia do evento, trabalhamos em conjunto e concluímos a preparação do cenário e do figurino. Para divulgar o evento, confeccionamos cartazes, que foram afixados em pontos estratégicos da comunidade, e fizemos convites de casa em casa. As crianças e os adolescentes participaram de todo o processo de montagem e divulgação do evento.

Em cena: o dia do espetáculo

No dia marcado para apresentar o espetáculo para a comunidade, depois que tudo foi devidamente organizado (maquiagem, figurinos, cenários, luzes, sonoplastia, filmagem), de acordo com nossas possibilidades e com a contribuição de todos os envolvidos, abrimos as portas da Associação de Pescadores e a plateia foi chegando e se acomodando. A professora orientadora iniciou falando do projeto e dos objetivos e fez alguns agradecimentos. Depois, anunciou o subgrupo I, que abriu a noite de apresentações com uma coreografia em homenagem aos povos 'indígenas'. Entraram em cena dançando ao som da música *Ñande Reko Arandu* e foram divididos em dois: os da percussão e os que dançaram a coreografia ao som da música 'Um, dois, três indiozinhos'.

Depois se apresentou o subgrupo II, o 'Circo das Crianças'. Essa parte do espetáculo seguiu a seguinte ordem: a abertura foi feita com a entrada dos integrantes carregando a faixa, pintada por eles, com o nome do circo. O primeiro a se apresentar foi o mágico com suas assistentes, seguido pelos malabaristas e pelos pés de lata; depois vieram os palhaços, que arrancaram boas gargalhadas da plateia e, por último, as bailarinas, com a coreografia ao som da música 'Piruetas'. Em seguida, se apresentou o

subgrupo III, que encenou a peça 'Uma aventura na floresta' e, ao longo de todo o texto encenado, buscou proporcionar uma reflexão sobre a proteção ao meio ambiente.

No final, apresentamos os slides com fotos de toda a trajetória do projeto de extensão, desde o seu início, com a intenção de socializar, como feito em outros eventos, o trabalho que vinha sendo realizado. Assim como nos eventos anteriores, o espetáculo foi filmado e apresentado às crianças, aos adolescentes e à comunidade em outra ocasião organizada para esse fim.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE EXTENSÃO REALIZADA

A Psicologia Social Comunitária, como já referimos, prioriza o trabalho em grupo, que é feito com um enfoque participativo, em que os sujeitos são igualmente responsáveis pelos encaminhamentos. Estimula a corresponsabilidade das pessoas e, consequentemente, o protagonismo social (FREITAS, 2015a). Ocupa-se "de processos psicossociais produzidos em dinâmicas comunitárias, levando em conta os contextos socioculturais em que surgem." (XIMENES; BARROS, 2009, p. 67).

Guiado por esses princípios, o trabalho em grupo desenvolvido nas oficinas com as crianças e os adolescentes, em que utilizamos a arte como recurso, procurou fortalecer um espaço que propiciasse aos participantes o aumento das possibilidades de fazer criativamente novas reflexões acerca de si e do mundo. Todo o processo de elaboração possibilitado pelas oficinas, com as estratégias metodológicas adotadas, procurou fomentar essas reflexões. Com um 'diálogo problematizador', ideias e conceitos eram "ressignificados" no espaço coletivo. Era possível "colocar em xeque" a forma como viam os assuntos que eram debatidos nas oficinas, a si e aos outros. Esse espaço é ressaltado como fundamental por Vieira e Ximenes (2008), que mencionam o diálogo como umas das condições necessárias para o desenvolvimento do "processo de conscientização", que supera uma apreensão natural da realidade, a possibilidade de se distanciar dela e, sobretudo, de transformá-la. A participação em grupos comunitários é fundamental. Quanto mais se participa ativamente, mais se desenvolve um processo de reflexão crítica sobre a realidade. Consideramos, como Ximenes e Barros (2009), que a atividade comunitária, por ser um processo coletivo e interativo, faz com que as pessoas envolvidas produzam saberes e novos modos de ser e estar no mundo que repercutem diretamente em mudanças no contexto social em que vivem.

Quando utilizamos o desenho e outras linguagens artísticas nas oficinas, partimos da ideia de que essas linguagens, além de proporcionarem a interação entre imaginação e realidade, contribuem para produzir novas experiências significativas (SIMÕES, 2020). Nas sociedades capitalistas, a arte é também um produto de consumo, uma mercadoria e é útil ao capital. Sendo assim, usar a palavra 'arte'

não é suficiente para que haja condições que possibilitem processos de singularização (LACAZ; LIMA; HECKERT, 2015). No entanto, como advertem os referidos autores, se, de um lado, existe a arte como "produto para o mercado", de outro, ela existe como "processo de transformação dos modos de vida". Nessa perspectiva de transformar os modos de vida, fomentamos a participação ativa do grupo durante todo o processo de organização do evento. As crianças e os adolescentes escolheram, em grupo, os números que seriam apresentados e a ordem das apresentações, desenharam os figurinos e participaram de sua confecção e da dos materiais necessários para fazer as apresentações e produzir o cenário. Além disso, participaram da montagem das coreografias, da discussão dos números de mágica, do texto de apresentação dos palhaços, do texto da peça e da divulgação do evento.

Com essa participação ativa e o estímulo à corresponsabilidade nesse processo de construção dialógica, buscamos fortalecer e instigar a integração do grupo. Na prática de intervenção, valorizamos uma reflexão crítica voltada para elementos éticos e mais humanos (FREITAS, 1998). A construção coletiva do evento proporcionou espaços de reflexão sobre princípios éticos como respeito, compromisso, companheirismo e dedicação. Juntos, as crianças e os adolescentes protagonizaram um evento do qual foram os atores e os autores principais a partir de temas diretamente vinculados à realidade deles e escolhidos por eles.

No processo de montagem do evento, o uso de vários recursos artísticos, como música, dança, teatro, pintura, desenho etc., além de propiciar a interação do grupo, o trabalho em equipe e reflexões críticas sobre o tema das oficinas, ampliou a "afetação" dos participantes dessas atividades criativas.

> Nos processos de criação artística, o ser humano se objetiva e subjetiva, transformando realidades, criando significados para si e para os outros. (...) a matriz da qual se nutre a arte é a vida humana, numa realidade social coletivamente significada e significativa de que criar artisticamente faz sentido. O artista se reconhece na obra que produz, condensando toda a humanidade que jorra nele/dele, em algo que pode ser apreendido pelos demais e que se revela como testemunha da capacidade humana de apoiar-se na concretude para transmudá-la, atribuindo-lhe propriedades que, sem o olhar humano, ela não possui (ZANELLA *et al,* 2005, p. 198).

Como advertem Baima e Guzzo (2015), a utilidade de um recurso teórico-metodológico deve ser medida a partir da possibilidade que ele tem de fazer uma leitura crítica da realidade social e provocar mudanças na vida das pessoas. Nessa direção, uma das coreografias apresentadas pelas crianças buscou, dentre outros aspectos, ressaltar as culturas indígenas, trilhando um caminho contrário daquele que os colonizadores impuseram em nome da civilização, isto é, a cultura deles próprios como ponto de partida e de chegada (Núñez, 2023). A arte foi, então, um meio empregado para sensibilizar e impulsionar a concretização de alguns atos. Ela é um instrumento potencializador de vidas e de sujeitos, por meio do qual eles podem transformar tanto sua realidade subjetiva quanto a realidade social. Possibilita ao indivíduo expressar-se e criar algo novo, pois, no processo de criação artística, articulam-se dialeticamente o saber, o fazer e o sentir (LIMA, 2012).

A utilização do método do Teatro do Oprimido, cuja estética é baseada na possibilidade de expandir a capacidade do ser humano de se expressar por meio da arte, partindo do pressuposto de que todas as pessoas podem criar, dialogar e recriar a realidade, foi sobremaneira importante nesse processo. O grupo de extensão apoiou-se nos princípios defendidos por esse método de teatro e, ao longo das oficinas e com o evento, proporcionou um espaço que procurou oferecer novas possibilidades de repensar temas cotidianos por meio da arte, como, por exemplo, a peça teatral criada pelo grupo de adolescentes, que visou a promover uma reflexão acerca da proteção ao meio ambiente, tendo em vista, dentre outros aspectos, que a comunidade está localizada em uma área de proteção ambiental. Esse método também foi muito útil para o grupo, na medida em que possibilitou a "desmecanização" do corpo, ativando todos os sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar) e trabalhando vários aspectos, como memória, atenção e criatividade, como propõe Boal (2015). A escolha dos exercícios era baseada na demanda de cada oficina. Nos ensaios da peça, por exemplo, os exercícios escolhidos tinham a finalidade de integrar bem mais o grupo, estimular a criatividade e a atenção e fomentar espaços de relaxamento e descontração.

Durante toda essa experiência, constatamos que os vínculos comunitários e os familiares se fortaleceram. Nos encontros grupais, as crianças e os adolescentes elaboraram e colocaram em prática um projeto. Essa participação coletiva se estendeu para outros momentos, reforçou os vínculos já existentes e possibilitou a criação de novos laços, como constatamos durante as visitas domiciliares e as conversas informais (estratégias metodológicas também utilizadas por nosso grupo de extensão). Na montagem do evento, algumas vezes foi preciso ensaiar em outros horários que não os das oficinas. Esses ensaios eram auxiliados por alguns pais, que cediam o espaço de suas casas e davam às crianças o suporte necessário e mais possibilidades de interagir. Nas visitas domiciliares, percebíamos que os pais se envolviam afetivamente com a construção do evento. As crianças contavam como estava sendo a experiência e seus desafios com os ensaios e os pais opinavam a respeito, escutavam o que elas diziam, valorizavam e se interessavam pelo resultado. Como atestam Ximenes, Paula e Barros (2009), a atuação da Psicologia Comunitária pode ampliar os vínculos familiares e comunitários e potencializar os processos interacionais. A constituição de vínculos sociais também é responsável por promover um desenvolvimento das potencialidades do sujeito e funciona como uma via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo que fortalece os laços afetivos, estimula o avanço das capacidades cognitivas, afetivas e sociais.

As oficinas culminaram na realização do evento. Nesse dia, os princípios que foram priorizados durante todo o processo e o caráter participativo, reflexivo e criativo dos sujeitos continuaram sendo estimulados. Outro elemento importante no processo de fortalecimento dos vínculos comunitários e familiares foi a presença de um grande número de moradores da comunidade, no dia da apresentação,

que culminou na concretização de esforços e de expectativas e aflorou os afetos. A 'magia do palco' proporcionou o ensaio do protagonismo que cada um dos participantes poderá exercer na vida, uma vez que "o protagonismo vivenciado não foi a da personagem de destaque ou do exercício do poder, mas o protagonismo da escolha e a diversidade de experiências, pois as crianças puderam vivenciar diversas posições sociais ao longo dos encontros." (BUENO *et al*, 2021).

Por outro lado, como adverte Freitas (2015b), nos trabalhos de Psicologia Social Comunitária, tanto a comunidade quanto os profissionais transformam-se em sujeitos e objetos do processo de produção dos conhecimentos sobre as dinâmicas sociais comunitárias. Nesse sentido, refletir sobre os desdobramentos dessa experiência para o grupo de extensionistas nos remete à constatação de que a extensão universitária tem um papel decisivo na formação profissional, como advertem Garcia, Borges e Santos (2016).

Assim, essa experiência, entre outros aspectos, deu aos extensionistas a oportunidade de desenvolver uma prática profissional comprometida com a dimensão ética e crítica e atentar para as questões sociais. Também contribuiu para a reflexão sobre as estratégias teóricas e práticas de intervenção e sobre o papel do psicólogo em diferentes contextos de atuação. Capacitou para o trabalho em grupo e para o exercício da profissão, comprometido com a emancipação dos sujeitos e a transformação social, e propiciou mudanças não só em nível acadêmico, mas também pessoal. Essa experiência contribuiu para a formação profissional porque garantiu o uso de instrumentos teóricos e metodológicos que possibilitaram uma análise crítica da realidade social e o desenvolvimento de uma intervenção comprometida com uma transformação dessa realidade (BAIMA; GUZZO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas realizadas com as crianças e os adolescentes, em que utilizamos a arte como recurso, estimularam posturas mais participativas, autônomas e críticas, que incentivaram esses sujeitos a se posicionarem como protagonistas da própria história. Por outro lado, todo esse processo nos auxiliou a refletir sobre as propostas de atuação profissional na área da Psicologia, proporcionou um espaço enriquecedor para a formação em Psicologia Social Comunitária e possibilitou o cumprimento da função social da universidade através de um projeto de extensão universitária.

Não temos a pretensão de achar que essa experiência não tem seus limites, porque nossa presença na comunidade era apenas uma das muitas possibilidades. Tínhamos que conviver com a Igreja, com a mídia e com todos os recursos modernos que produzem sentidos muitas vezes contrários aos que procurávamos estimular. No entanto, não podemos desconsiderar que, com esse projeto de extensão, outros espaços de problematização e de reflexão do cotidiano foram sendo construídos e

geraram vários desdobramentos. Os esforços de cada participante e o nosso e a vontade de transformar a realidade por meio da arte transformaram o processo em algo valioso que, como resultado, "foi aplaudido de pé". Os resultados perpassam a magia momentânea do espetáculo, invadem as casas e transformam a vida.

REFERÊNCIAS

ALLESANDRINI, C. D. **Oficina criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALMEIDA, N. F.; GONÇALVES, C. H. P. Leitura dramatizada: um olhar literário. **Interletras, Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura da UNIGRAN**, Dourados, v. 2, n. 13, p. 1-8, mar./ago. 2011.
Disponível em: https://www.unigran.br/dourados/revistas/interletras?trabalho=1334. Acesso em: 17 fev. 2024.

AZEVÊDO, A. V. S.; PARDO, M. B. L. Formação e atuação em psicologia social comunitária. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 200-210, jul./dez. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.5327/Z1982-12472014000020009. Acesso em: 28 jun. 2025.

AZEVEDO, P. B.; CORDEIRO, T. O. A. Ensino, pesquisa e extensão: novos sentidos a partir da curricularização da extensão. **Formação em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 1-18, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufrrj.br/index.php/formov/article/download/983/866/3023. Acesso em: 28 jun. 2025.

BAIMA, L. S.; GUZZO, R. S. L. Formação em Psicologia e Prática Comunitária: problematização da Psicologia Social Comunitária no Brasil. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 15, n. 32, p. 33-47, jan./abr. 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000100003. Acesso em: 18 fev. 2025.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BUENO, G. *et al.* Psicologia Social Comunitária na escola: um projeto de extensão mediado por oficinas estéticas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 205-223, jan./abr. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2021v27n1p205-223. Acesso em: 18 fev. 2025.

FREITAS, M. F. Q. Desafios éticos na prática em comunidade: (des)encontros entre a pesquisa e a intervenção. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 242-253, jul./dez. 2015a. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/Freitas/1022. Acesso em: 21 set. 2018.

FREITAS, M. F. Q. Práxis e formação em Psicologia Social Comunitária: exigências e desafios ético-políticos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 3, p. 521-532, jul./set. 2015b. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000300017. Acesso em: 21 set. 2018.

FREITAS, M. F. Q. Psicologia Social Comunitária como politização da vida cotidiana: desafios à prática em comunidade. In: Stella, C. (Org.). **Psicologia Comunitária**: **contribuições teóricas, encontros e experiências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 65-85.

FREITAS, M. F. Q. Práxis e ética na Psicologia Social Comunitária: possibilidades de transformação social na vida cotidiana. In: Ploner, K.S. *et al.* (Org.). **Ética e paradigmas na Psicologia Social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 100-111. Disponível em: http://books.scielo.org/id/qfx4x/pdf/ploner-9788599662854-09.pdf. Acesso em: 21 set. 2018.

FREITAS, M. F. Q. Novas práticas e velhos olhares em Psicologia Comunitária: uma conciliação possível? In: Souza, L.; Freitas, M. F. Q.; Rodrigues, M.M.P. (Org.). **Psicologia**: **reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 83-108.

GARCIA, C.M.M.G.; BORGES, D.D.; SANTOS, J.C. Alternativas para a construção da cidadania na universidade: relato de um projeto. **Revista Dialogos: extensão, metodologias e inclusão**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 29-37, nov. 2016.
Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/7304/4802. Acesso em: 28 abr. 2019.

LACAZ, A. S.; LIMA, S. M.; HECKERT, A. L. C. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 27, n. 1, p. 58-67, jan./abr. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p058. Acesso em: 2 jul. 2025.

LIMA, E. A. Artes menores: criação de si e de mundos nas ações em saúde mental. In: Amarante, P.; Nocam, F. (Org.). **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012. p. 39-52.

NÚÑEZ, G. As monoculturas como violação das singularidades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 56, n. 105, p. 107-120, jul./dez. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.5935/0103-5835.v56n105.08. Acesso em: 30 jul. 2026.

MARQUES, S. **Sistematização da metodologia de exploração do acervo**. João Pessoa, 2011. Mimeografado.

PINTO, V. A. H; PAIVA, F. S. Psicologia social comunitária e teatro do oprimido: rumos para uma práxis transformadora. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1040-1057, dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n3p1040-1057. Acesso em: 2 jul. 2025.

SIMÕES, J. D. **Leitura de mundo dramatizada por meio da Educação Estético - Ambiental**. 2020. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020. Disponível em: https://ppgea.furg.br/dissertacoes-e-teses/56-publicacoes-de-2020/1527-12750dissertacao-juliana-duarte-simoes. Acesso em: 8 jun. 2024.

VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. CONSCIENTIZAÇÃO: Em que interessa este conceito à Psicologia. **Psicologia Argum**., Curitiba, v. 26, n. 52, p. 23-33, jan./mar. 2008. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19735/pdf. Acesso em: 21 set. 2018.

XIMENES, V. M.; BARROS, J. P. P. Perspectiva histórico-cultural: que contribuições teórico-metodológicas podem dar à práxis do psicólogo comunitário? **Psicologia Argum.**, Curitiba, v. 27, n. 56, p. 65-76, jan./mar. 2009.
Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19975/19265. Acesso em: 21 set. 2018.

XIMENES, V. M.; PAULA, L. R. C.; BARROS, J. P. P. Psicologia Comunitária e Política de Assistência Social: diálogos sobre atuações em comunidades. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 686-699, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n4/v29n4a04.pdf. Acesso em: 21 set. 2018.

ZANELLA, A.V. *et al*. Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. **Psico-USF**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 191-199, jul./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pusf/v10n2/v10n2a11.pdf. Acesso em: 21 set. 2018.

Recebido em: 20/07/2025
Aprovado em: 08/11/2026
Publicado em: 13/11/2026